

CAMPO LARGO

A CIDADE DA GENTE

José Santos, Selma Maria
e estudantes das escolas municipais

ilustrações de **Helena Küller**





CAMPO LARGO

A CIDADE DA GENTE

José Santos, Selma Maria
e estudantes das escolas municipais de Campo Largo
ilustrações de **Helena Küller**



OLHARES

São Paulo 2021



Este é o ano do sesquicentenário da nossa terra!

Em 2021, nossa querida Campo Largo comemora 150 anos de história!
E que história!

Desde pouso para tropeiros até a terra da erva-mate e do ouro, capital da louça e da porcelana, com etnias diversas, com devoção e muito trabalho de um povo que faz tudo de forma primorosa. Aqui, nesta terra, tudo que se faz se faz bem feito!

Quem aqui chega, logo reconhece o amor do campo-larguense por suas tradições, história, família, seu bairro, sua comunidade.

Comemorar isso tudo com um livro é, sem dúvida, uma bela forma de eternizar a história por meio da educação. Eu, filho de professora que passou mais de trinta anos dentro de uma sala de aula, não poderia pensar diferente!

Contemprar a cultura de nosso povo, de geração em geração, por meio da sala de aula, da leitura, das ilustrações, da poesia, isso é valorizar verdadeiramente a história de um município.

Campo Largo, a terra em que eu nasci e pela qual trabalho, recebe, com gratidão, este livro – escrito com a colaboração de grandes autores e ilustradores, mas também, com o empenho dos nossos estudantes e professores.

Que iniciativa incrível! Parabéns, Campo Largo!

Parabéns aos incentivadores da educação e do cuidado com o resgate histórico!

O patrimônio cultural de nossa terra precisa e merece ser preservado, e um livro é, sem sombra de dúvidas, uma bela forma de fazer isso!

Viva Campo Largo! Viva a educação!

Maurício Rivabem
Prefeito Municipal

A educação vive momentos desafiadores no contexto escolar, de modo que as ações diferenciadas e as reinvenções devem ser propostas para que as necessidades básicas e essenciais sejam supridas.

É nesse sentido, inclusive, que a comunidade escolar pauta-se para desenvolver as ações pedagógicas. O trabalho tem sido único, e os professores estão fazendo a diferença em um momento pandêmico em que expressamos a fundamental importância do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, é com enorme satisfação que a Secretaria Municipal de Educação de Campo Largo apresenta o projeto A Cidade da Gente, originado da parceria firmada entre a SIG Combibloc do Brasil com várias escolas municipais, que em um brilhante trabalho de pesquisa apresentam espaços do nosso patrimônio histórico, cultural e ambiental.

A pesquisa contida no presente livro apresenta e confirma os aspectos essenciais de Campo Largo, demonstrando as belezas, os recursos naturais e o histórico do patrimônio material e imaterial e elevando o sentimento de respeito à cidade.

Trabalhos maravilhosos, desenvolvidos em ações metodológicas diferentes, reconhecendo as histórias e os espaços de vida das pessoas da nossa cidade.

Trata-se de um convite à reflexão e às belezas das histórias da nossa cidade expresso em uma obra muito importante para a comunidade campo-larguense, em que os cidadãos são convidados a ler, conhecer, imaginar o passado, viver o presente e sonhar com o futuro.

Construído por várias mãos, o livro Campo Largo – A Cidade da Gente é mais um instrumento fundamental de conhecimento da cidade, que completa 150 anos. É um presente rico e amável para os estudantes, para que possam identificar, admirar e visitar aspectos essenciais da bela cidade em que vivem.

Agradeço a cada um que crê que é pela educação que se desenvolve o sentido de pertença e o pensamento crítico, que as experiências do passado movem o presente e o aprender é se reinventar a cada dia.

Uma leitura fascinante para todos!

Dorotéia Ap. Merchiori Stoco
Secretária Municipal de Educação





Querido Leitor,

Em 2021, a SIG completou 10 anos da construção da nossa fábrica na linda cidade de Campo Largo. Há 10 anos começou a história da nossa família com essa cidade tão importante para a nossa empresa. E para celebrar uma data tão importante, nada melhor do que contar a história de Campo Largo, pelos olhos das crianças que aqui moram e são o futuro do nosso país.

A SIG tem um sonho, que é ver cada consumidor com uma embalagem SIG na mão e um sorriso no rosto, todos os dias. E hoje muitos moradores de Campo Largo nos ajudam a realizar esse sonho, já que grande parte dos colaboradores de nossa fábrica moram na região.

Para a SIG é muito importante fazer parte de um projeto tão rico e bonito, resgatando o passado dessa cidade com tanta história para contar em seus 150 anos, que coincidentemente também são celebrados em 2021. Ainda mais com a participação dos estudantes das escolas municipais, que tiveram a oportunidade de compartilhar sua herança cultural com todos nós.

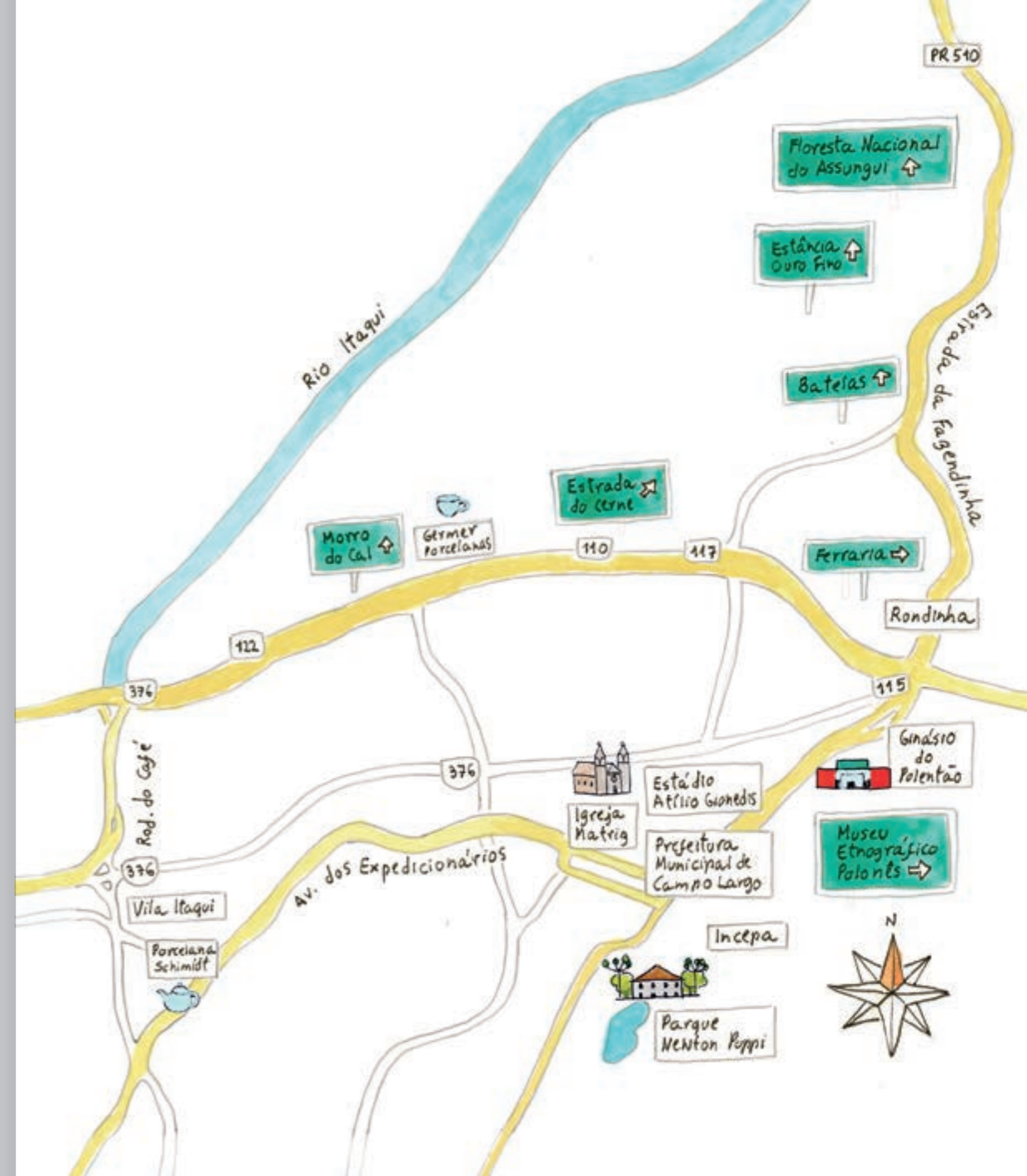
Valorizar a educação, cultura e a história da cidade de Campo Largo por meio deste livro “A cidade da gente” é algo que nos deixa muito felizes, já que também fazemos parte dessa história. Pois aqui instalamos a nossa primeira fábrica na América e, desde então, trilhamos um caminho de sucesso e crescimento.

Espero que apreciem a leitura e compartilhem conosco o orgulho de fazer parte dessa cidade.

Ricardo Lança Rodriguez
Presidente & Diretor Geral Américas
SIG Combibloc

SUMÁRIO

- 12 A capital da cerâmica
- 20 Incepa e a arte de Poty
- 24 Imigrantes na Ferraria
- 28 Nossa escola e a história de um padre
- 30 As tradições da Rondinha
- 36 O Polentão
- 40 Os poloneses em Campo Largo
- 44 Arquitetura polonesa
- 46 Araucária, nossa árvore símbolo
- 50 Floresta Nacional do Assungui
- 52 Estrada do Cerne
- 60 As belezas de Bateias
- 62 O Morro do Cal
- 64 A estância hidromineral de Ouro Fino
- 66 Ouro Verde e a Lagoa Grande
- 68 Parque Newton Puppi
- 70 Toto Lopes
- 74 No Reino da Loucinha, novos prédios
- 76 O campo do Internacional Esporte Clube de Campo Largo.
- 78 Homenagem a Marcelo Puppi





Se você olhar o mapa do Paraná, irá encontrar uma cidade que fica na região metropolitana de Curitiba, a capital do Estado. Ela se chama Campo Largo e esse livro é todo sobre este lugar, que ocupa uma área de 1.249 quilômetros quadrados, onde moram um pouco mais de 133 mil pessoas, segundo a última contagem. Nós, os autores, somos algumas delas.

Aqui, uma tradição que nunca se quebrou foi a de fazer cerâmica. Começou com os Tinguis (Tupi-guaranis) e Cabeludos (Jê), primeiras pessoas que moraram nessa região. E depois continuou com os imigrantes que vieram para cá, especialmente italianos e poloneses. Este legado fez com que a nossa cidade se tornasse a capital da porcelana!

Essa e outras histórias compõem este livro, que foi escrito por nós, crianças estudantes das escolas municipais de Campo Largo. Nas páginas a seguir, você irá encontrar uma grande produção de textos que fizemos sobre vários temas do patrimônio da cidade, com informações importantes e também nossa visão sobre eles.

São poemas, prosas, entrevistas, receitas e histórias curiosas sobre os bairros onde vivemos e estudamos, sempre com a ajuda preciosa das nossas professoras, professores e familiares, com a edição final dos escritores Selma Maria e José Santos e desenhos incríveis da artista Helena Küller.

Boa leitura!

A CAPITAL DA CERÂMICA

Estudamos com a professora Roseni Lederer Magaton, do 5º ano da E. M. Diva Ferreira Reinke, no bairro do Itaqui, e descobrimos em nossa pesquisa que muitas memórias da cidade vêm dessa parte da cidade, por um motivo especial. É que aqui muita gente trabalha em fábricas de cerâmicas – como a Porcelana Schmidt, que foi fundada em Campo Largo em 1954 – e essa atividade tem origem nesse nosso pedacinho da cidade.

Itaqui hoje é um bairro
Antigamente um povoado
Na cidade de Campo Largo
Com vista de muito gramado.
Fábricas, escolas, igrejas
Vegetação e casas por todo lado
Rios, lagos e gados.

**Produção coletiva dos
estudantes do 5º ano**



Ela é sesquicentenária (tem 150 anos), não tem uma ruga, tem a pele lisinha, é toda delicada. Um pouco fria é verdade, mas tem uma beleza que ficou conhecida no mundo inteiro. Quem é? É a arte cerâmica da nossa cidade!

E essa idade pode ser mais avançada ainda se considerarmos o que os historiadores nos contam. Quem nasceu na nossa região foram os índios Tinguis (Tupi-guaranis) e Cabeludos (Jê). E sabe o que essas pessoas mais gostavam de fazer? Modelar a argila. Foi assim que se tornaram os primeiros grandes ceramistas do Itaqui, nosso bairro.



Aliás, Itaqui é um nome indígena Guarany. “Ita” quer dizer pedra; “Ku”, areia; e “I” é Rio. Portanto, “Itakui” significa: “rio com pedras e areia”, como nos conta o Leonardo:

Itaqui: bairro que abriga muita gente
Seu significado “rio com pedra e areia”
Que com o passar dos anos
Evolui constantemente
Fábricas de louças para cá vieram
Muitas famílias delas seus sustentos tiveram
Produzindo cerâmicas e porcelanas decoradas
Que até foram exportadas
Como as mulheres no chão de fábrica
Seus filhos não tinham onde ficar
Dona Diva realizou seu sonho
De uma creche ali fundar.
Com toda essa evolução constante
O bairro se tornou muito importante
Que fez a cidade se orgulhar
Ajudando a capital da louça se tornar.
Leonardo Specht Izidoro

Nossa professora Roseni também investigou e descobriu o trabalho de Letícia de Sá Rocha, que fez uma pesquisa sobre as louças de Campo Largo e sua origem. Veja o que ela diz:

As indústrias de louça pioneiras se formaram entre 1920 e 1960. A produção artesanal evoluiu para a industrial, quando artesãos em atividade autônoma e doméstica migraram para dentro das fábricas. Essa mudança trouxe para Campo Largo o título de “A capital da louça” em 2010.

No meio de tantos poemas que fizemos sobre o bairro, mostramos mais um, agora da Luana:

Itaqui um bairro antigo
Muito bom de se morar
Tem fábricas de porcelana
Para o povo trabalhar

E a fábrica de porcelana
Quanta história já sabemos
Tanta gente que lá passou
Trabalhando e comprando
Peças lindas, peças raras
Pelo mundo se espalha
Luana Lírio dos Santos





Várias vezes nós, estudantes, somos convidados para visitar as fábricas de cerâmica, e a Livia conta que durante a sua visita ficou com medo de quebrar alguma coisa. Ela viu como as funcionárias pintam com uma habilidade ninja cada peça e também observou as embalagens indo para os caminhões, que levam toda a produção mundo afora.

No começo tudo é argila
Na mão do operário
Tudo gira
Maria, Pedro e João
Não importa quantos são
Só quero ver
Como vai a produção

Do solo sai a argila
E com a água vira
A matéria-prima
Que nós utilizamos no dia a dia.

Livia Cleoni

Dona Rute, avó da Roberta Ramos Josefowicz Pereira, trabalha com cerâmica na Fábrica Germer. Ela e várias mulheres das nossas famílias. A louça ou a cerâmica não são só um produto doméstico ou decorativo, mas representam uma mudança cultural e social na vida delas, pois, desde a segunda metade do século passado, essa atividade sempre empregou muitas mulheres, e já naquela época representava 35% do mercado de trabalho de Campo Largo. Irma Andrade, que foi conhecida através de uma publicação feita há pouco tempo no livro *A arte e cultura sesquicentenárias de Campo Largo*, trabalhou 45 anos na fábrica Schimdt e também em outras da nossa cidade. Ela conta:



Ceguei em 1955, vim de Santa Catarina e no começo foi difícil aprender a manipular o pincel. Eu tinha catorze anos, era decoradora de peças e, quando peguei a prática, consegui pintar de 1.500 a 2.000 peças por dia. Eu consegui fazer minha casa e meus seis filhos trabalharam comigo também.

INCEPA E A ARTE DE POTY



Uma das maiores fábricas da cidade é a Incepa. Nas trocas de turno, se forma um grande formigueiro de gente chegando e saindo com guarda-pó azul e de bicicleta. A estudante Maria Eduarda Locatelli Muchinski, da E. M. Sete de Setembro, tem um tio que se chama Sérgio Luiz Parchen, e ele nos contou uma história misteriosa que aconteceu por lá, há muitos anos.

Um dia, lonas foram colocadas sobre uma parede para as pessoas não verem o que estava sendo feito. Vinham as caixas numeradas por causa da ordem de colocação, um azulejo estava quebrado, mas, devido ao tempo para ser feito outro e a possibilidade de não sair igual, colocaram assim mesmo, tentando deixá-lo o menos visível possível.

Era um painel de azulejos desenhado por um grande artista, Poty Lazzarotto, mostrando o cotidiano dos funcionários para homenagear os primeiros trabalhadores da Incepa. Ele fica até hoje na entrada da fábrica, e sabe quem foi um dos ex-funcionários que fez sua montagem? O tio Sérgio...



Muitos painéis que Poty fez são considerados Patrimônio Cultural do Paraná. O trabalho dele é tão bonito que seus murais estão espalhados por diversas cidades do Brasil e do mundo. E vejam só como o painel da Incepa inspirou os estudantes da E. M. Sete de Setembro.



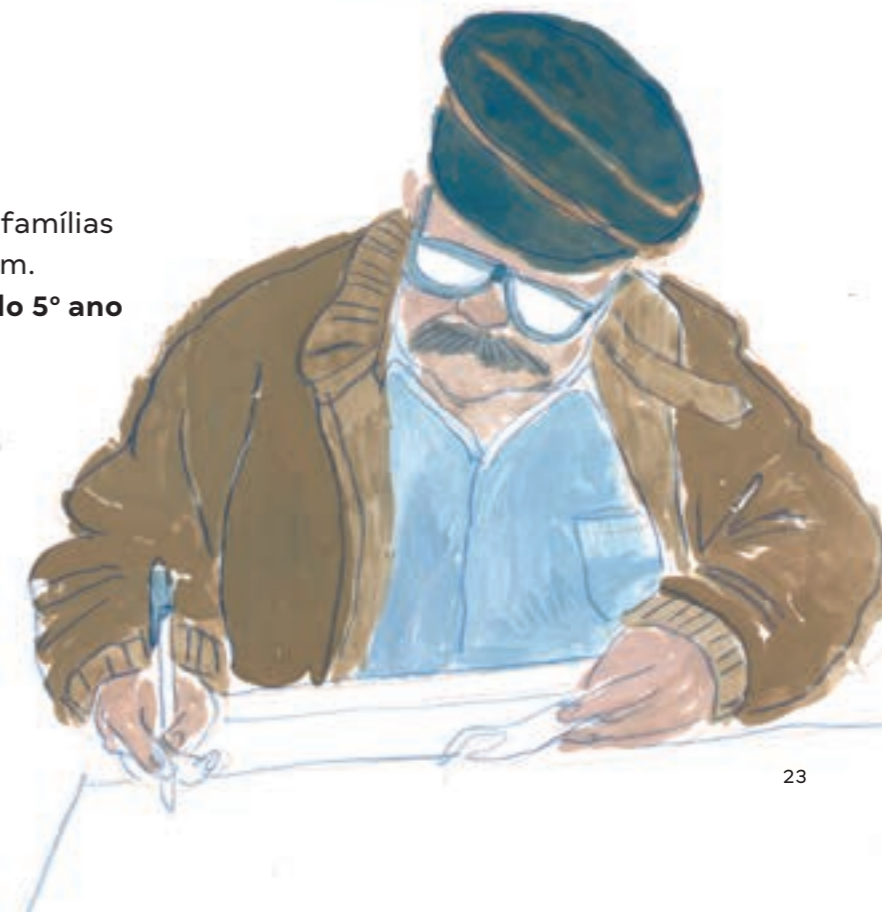
Poty e Incepa, uma parceria perfeita

Lá vem a história
De um longo tempo,
Que com muito amor,
Com imagens, traços, cores e formas,
Um grande artista representou!

Um painel de presente para a cidade deixou,
Marcou história da nossa gente,
Poty se inspirou e representou,
O nascimento e o crescimento de uma grande empresa,
Com desenhos que ele pintou!

Dois homens com muita emoção,
Com um grande coração,
Montaram um painel,
Que um artista inventou,
O trabalho trouxe alegrias e festa
E o povo nunca vai esquecer
Da história da fábrica que marcou as famílias
Desde o seu nascer até os dias sem fim.

Produção coletiva dos estudantes do 5º ano



IMIGRANTES NA FERRARIA

Nós, que estudamos nos 5^{os} anos A e B da Escola Municipal Padre Natal Pigatto com as professoras Cristiane Biscouto Halas e Gisele de Britto Candido, pesquisamos os costumes e as tradições dos imigrantes que chegaram no bairro da Ferraria.

Os imigrantes foram chegando, poloneses e italianos,
E aos poucos, Ferraria foram formando.
A mina de ouro descoberta em Ferraria,
Trouxe aos colonos muita esperança e euforia.
Mas o ouro acabou rapidamente,
E os colonos voltaram a plantar em
suas terras incansavelmente.
Na região também passavam os tropeiros,
Em busca dos serviços dos ferreiros.

Encontramos escola, igreja e represa no Ferraria,
mas o interessante é a olaria.
Perto da represa tem um salão de beleza.
Quando saio de lá pareço uma realeza
Quando vamos na escola Ferraria
Sempre encontramos sabedoria e alegria
Quando vou para escola Padre Natal Pigatto
No fundo da escola só vejo mato por todo lado.
Produção coletiva dos estudantes do 5º ano



Ferraria é o menor distrito de Campo Largo e é vizinho de Curitiba.
Por estar próximo à capital, nos últimos anos, muitas pessoas migraram
de lá para cá, transformando o nosso bairro em um lugar bem urbano e
deixando muitos velhinhos daqui saudosos dos tempos passados.



Uma das primeiras famílias a se estabelecer na região de Ferraria foi a de João Torres. Por volta de 1860, chegaram os imigrantes italianos, e mais tarde os poloneses. Eram camponeses, e lidavam muito bem com trigo, centeio, arroz, feijão, milho, vinho, fumo e vime. Para transportar tudo isso, precisavam de cavalos e carroças. Isso fez com que surgissem aqui ferrarias, que fabricavam ferraduras para cavalos e ferramentas para a lavoura. Foi assim que o nosso bairro um dia começou a ser chamado de Ferraria.



No meu bairro
ruas tem nomes de pássaros
ouvi alguém cantar
na rua Águia do mar
era um curió
canta, canta que dá dó
passei pela rua das Araras
quando percebi, dei de cara com capivaras
corri para rua Gaivotas, até perdi minhas botas
passei pela rua Bem-te-vi
e me deu muita vontade de fazer xixi

Produção coletiva dos estudantes do 5º ano

Eu estava andando pela rua João Moreira
E caí em uma ribanceira cheia de madeira
Passeando pela rua Pavão
Vi crianças brincando de pião
Gosto de passear pela rua das Araras
Porque lá tem uma loja com diversas tiaras
Caminhando pela rua Gaivotas
Me fizeram uma proposta
Vamos até a rua dos Pardais
Além do mais
Lá tem muitos animais.

Produção coletiva dos estudantes do 5º ano

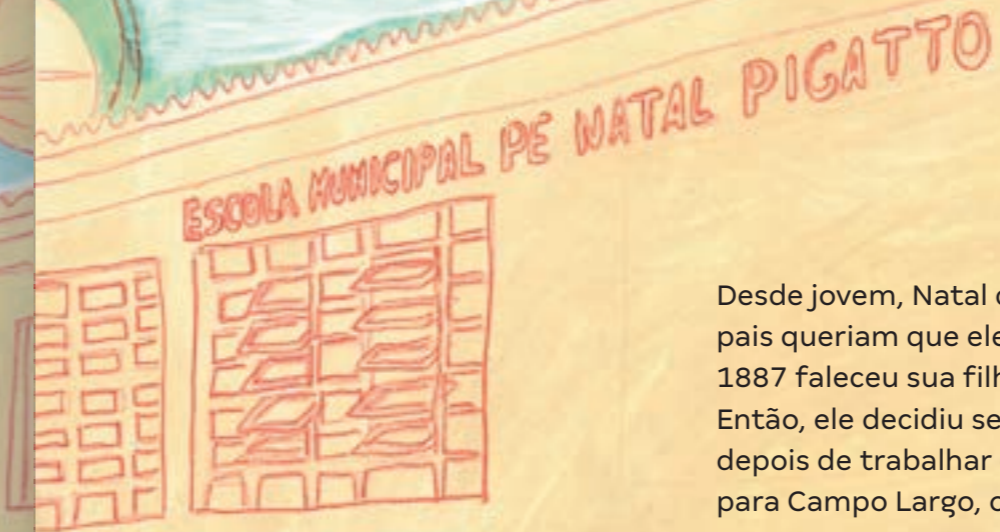
Ferreiro
Escola
Represa
Rio
Amizades
Roça
Imigrantes
Agricultura
**Produção coletiva dos
estudantes do 5º ano**

NOSSA ESCOLA E A HISTÓRIA DE UM PADRE

Aqui, as poucas pessoas que sabiam ler e escrever em português iam ensinando para esses imigrantes todos. A única escola da região era feita de madeira, tinha apenas quatro salas e aulas só pela manhã, porque a maioria dos estudantes tinha que ajudar os pais na lavoura à tarde. As professoras traziam água de poço para as crianças beberem e cozinhavam uma sopa em suas próprias casas para o lanche. No ano de 1973, a escola ganhou o nome de Casa Escolar Padre Natal Pigatto.



Natal Pigatto nasceu em 1861, na Itália, e foi uma pessoa muito querida na região. Ele benzeu a localidade contra tempestades e ajudava muito a todos em suas necessidades. Por isso, foi homenageado pela escola, com seu nome.



Desde jovem, Natal queria ser padre, porém seus pais queriam que ele se casasse. Fez isso, mas em 1887 faleceu sua filha e, um mês depois, sua esposa. Então, ele decidiu seguir a antiga vocação. No Brasil, depois de trabalhar em outras cidades, um dia veio para Campo Largo, onde viveu até o fim da vida.

Era tanto talento e devoção que as pessoas se sentiam felizes em ouvir suas palavras. Alegre e expansivo, passava na frente das casas cantarolando e convidando todos para rezarem junto com ele.

AS TRADIÇÕES DA RONDINHA



Nosso bairro nasceu com o nome de Rondinha porque muitos grupos de boiadeiros que traziam gado para Curitiba faziam uma pequena “ronda” nessa região. Quando chegavam aqui, tinha um rio de um lado e um barranco do outro, uma ótima situação para deixar seu gado bem protegido. O tempo foi passando, muita gente foi ficando e aqui virou o bairro da Rondinha.

Por um período, o lugar foi também a colônia Mendes de Sá, e suas terras foram loteadas para novas famílias chegarem. Algumas delas eram italianas, e hoje muitos são nossos nonos, nonas, bisavós, que trouxeram na mala a esperança de encontrar um lugar onde seus sonhos, costumes e tradições pudessem florescer longe da guerra que acontecia em muitos países, inclusive na Itália.



Para descobrir a história do bairro onde moramos, nós, estudantes dos 5^{os} anos A e B da E. M. Caetano Munhoz da Rocha, acompanhados pela professora Claudia Chezanoski, fizemos pesquisas e entrevistas com nossos parentes. E criamos vários poemas sobre tudo isso. Só para começar, veja se as rimas do Pedro Henrique não são de dar água na boca!

Aqui na Rondinha
Tem um prato de chefe,
Conhecido como polenta
Um prato de mestre.



Pegue uma panela e despeje a água
Coloque para esquentar.
Depois, com calma despeje o fubá
Até uma massa virar.

Pegue o sal e coloque quanto precisar
Mexe bem até polenta virar
E no panaro pode colocar
Pegue o fio ou a faca e já pode cortar.
Pedro Henrique Zampier





Toda gente daqui adora a polenta, e qualquer um sabe que ela é feita de milho. Mas o Cleberton nos conta que, em Campo Largo, ela ganha uma cor diferente. Veja só que cor é essa:

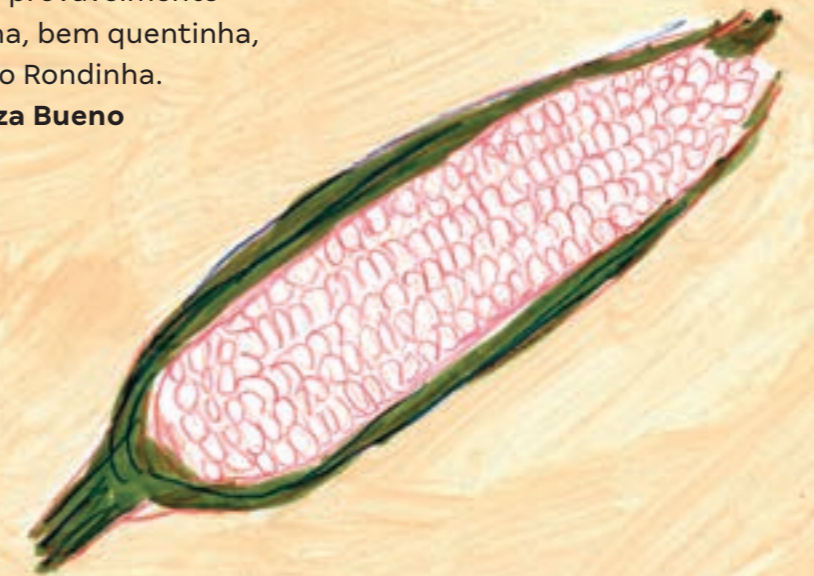
Antigamente plantava-se milho branco aqui na região, só mais tarde surgiu o milho amarelo. O milho branco tem o sabor bem diferente, por ser mais suave. E usá-lo nas receitas é uma tradição dos italianos e poloneses, dos nossos antepassados.

Cortavam a massa com um fio que podia ser um barbante ou um fio de nylon. Era um costume da época, para que o corte da polenta ficasse bem certinho.

Tanto a polenta cremosa como a mais firme são bem gostosas. Mas os “nonos e nonas” gostavam de saborear a mais firme para poder cortar em pedaços e esquentar na chapa do fogão a lenha, até formar aquela casquinha.

Junto com o salame e com o queijo, no café da manhã, no almoço ou na janta, não tem quem resista. Hoje provavelmente eu coma uma polentinha, bem quentinha, na minha casa, no Bairro Rondinha.

Cleberton Tayson Souza Bueno



O Gabriel Henrique Kutas descobriu no caderno de receitas da sua casa como é feita a polenta desde os tempos muito antigos até hoje. Se era segredo de família, agora não é mais!

Receita tradicional da polenta

INGREDIENTES

2 litros de água
400 gramas de fubá branco
2 colheres de manteiga
1 colher de sal

MODO DE PREPARO

Em uma panela leve a água ao fogo e acrescente o sal e a manteiga. Quando iniciar a fervura, acrescente o fubá e mexa sem parar para não empelotar. Deixe a polenta cozinhar por trinta minutos em fogo baixo. Despeje em um refratário, salpique com parmesão e cubra com molho de sua preferência.



E a polenta é tão gostosa que inspirou muitos poemas sobre ela. A Yasmin fez um em que aparece até a colher mescola, que mistura o fubá sem empelotar. Você sabia que “mescola” é uma palavra que vem do italiano e quer dizer “misturar”?

Caçarola com água e sal
Em cima do fogão a lenha
Esperando ferver para começar.

Com a mescola em uma mão
E com a outra o fubá colocar
Aos pouquinhos para o fubá não empelotar
Mexendo sem parar.

A polenta vai se formar
O segredo é cozinhar bem devagar
Pra casquinha no fundo da panela grudar
Quando fica pronta, pro panaro, ela vai.

E pra cortar, o barbante devemos usar,
Com salame ou queijo,
Com frango caipira ao molho
Esta é a polenta da casa da nona Maria.

Yasmin Maria Garzaro Ferreira



O POLENTÃO



Quem não gosta de festa? Nossas famílias são festeiras, e aqui na Rondinha criou-se o Polentão, um espaço para elas se encontrarem e celebrarem a amizade, a vida!

Esse espaço é organizado pela Ação Social de São Sebastião de Rondinha, que foi fundada em 20 de janeiro de 1967. O sonho dos imigrantes italianos era que esse salão se tornasse um patrimônio histórico. O que hoje, realmente, se tornou.



O Polentão tem quadras poliesportivas e o ginásio também serve como salão de festas. É lá que acontecem apresentações artísticas, palestras e atividades para todas as idades.

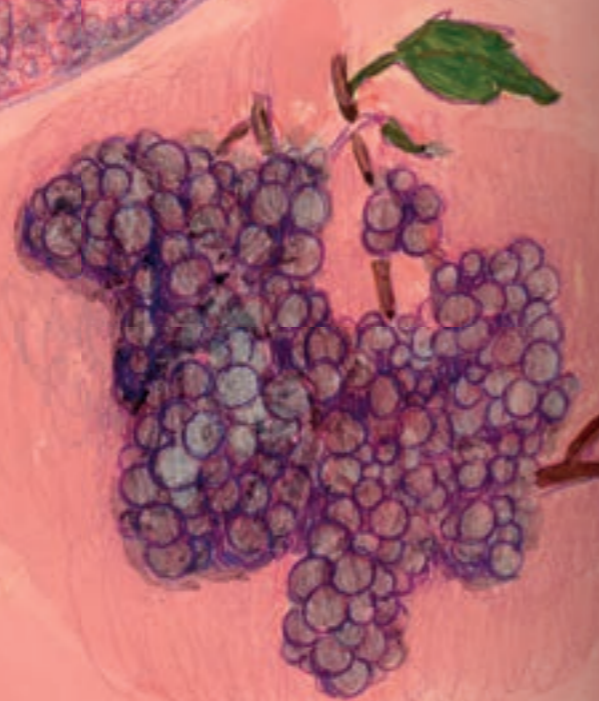
Hoje, em tempos de pandemia, está praticamente fechado. Mas o Polentão foi criado para oferecer encontros variados, como bailes, bingos beneficentes, formaturas, feira da louça, semana italiana, jantares, tudo regado com muita comida e bebida feita pelos rondinenses.



Outra produção muito importante da colônia italiana é o vinho. A Yasmin, além do poema sobre a polenta, fez uma pesquisa sobre o vinho feito por aqui e nos conta o seguinte:

Hoje as pessoas usam máquinas modernas, mas antigamente o meu avô pisava nas uvas para fazer o vinho. É uma tradição antiga trazida pelos italianos. A uva era colhida e colocada em uma mesa, para ser pisada, depois era colocado o açúcar e em seguida em tinaços onde ficava fermentando por um tempo. Depois que o vinho estava pronto, era só engarrafar.

Yasmin Maria Garzaro Ferreira



As pessoas que utilizam esse método tradicional dizem que amassar as uvas com os pés deixa a bebida muito mais gostosa.

A tradição de tomar vinho veio para ficar aqui na Rondinha. Algumas famílias montam suas bancas à beira da Rodovia, a BR-277, e lá a bebida é vendida. Apesar de ser um costume muito antigo trazido pelos imigrantes italianos, considerado muitas vezes como antiquado, a pisa das uvas continua bem conhecida por moradores do bairro.



OS POLONESES EM CAMPO LARGO

De 1860 até metade do século passado, muitos imigrantes chegaram ao Brasil. Eles buscavam uma vida melhor, em geral porque seus países tinham passado por algum conflito político, e a economia estava bastante afetada. Foi assim que, como vimos no capítulo anterior, um grande número de italianos chegou à região. E depois, da mesma forma, muitos poloneses também desembarcaram em nosso país, após vários meses dentro de um navio, e vieram parar em Campo Largo, criando um grande vínculo com a cidade e influenciando sua formação cultural.

Naquela época, o governo brasileiro oferecia terras para o cultivo para vários povos. Os poloneses vieram e trouxeram técnicas de cultivo que conheciam muito bem. Receberam, além de um pedaço de terra, enxada, machado e um punhado de sementes para começar a vida.



Colônia

Dom Pedro colônia
de imigrantes
Preserva sua cultura
Que é muito importante

Com seus costumes
de antes
Mantém as tradições
Mostradas em suas
manifestações

Músicas e danças típicas
Comidas: pierogue,
broa, bolos
Além de uma deliciosa
cerveja caseira

E tem uma igreja em
formato de navio
Em homenagem
a esse povo
Que marca a sua história
Fazendo festas
tradicionais
E guardando memórias
no museu "Casas
de Troncos".

**Emerson Verediano
Junior, 5º ano da
E. M. Solidariedade**

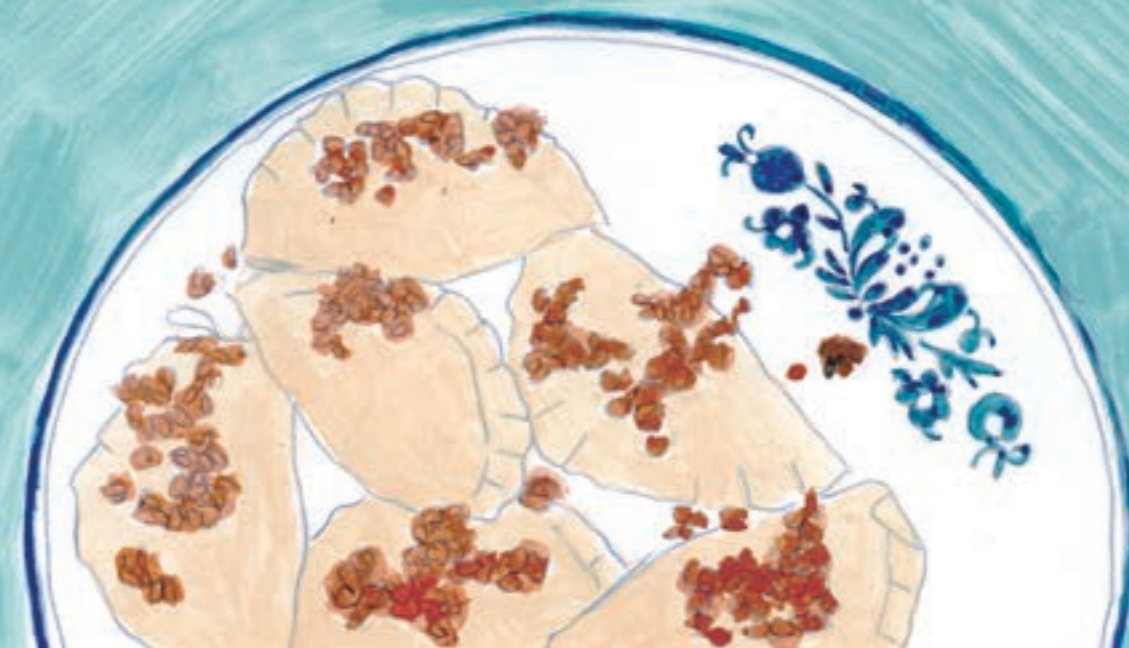




Em geral, as tradições são formadas por hábitos que continuam de geração em geração, e também por boas memórias. Em 1876, quando se formou esta colônia, já havia alguns anos que os primeiros poloneses haviam chegado a Campo Largo. Muitos membros da comunidade presente na Colônia Dom Pedro já eram brasileiros de nascimento, mas tinham muito orgulho da origem dos pais.

Para lembrar a viagem que seus familiares fizeram, eles decidiram, então, construir a igreja matriz do bairro no mesmo formato do navio que atravessou o oceano Atlântico para trazê-los ao Brasil.

E a cultura tão rica desse povo está presente no nosso bairro com comidas tradicionais – como o pierogue –, artesanatos, danças, músicas e na própria língua polonesa.



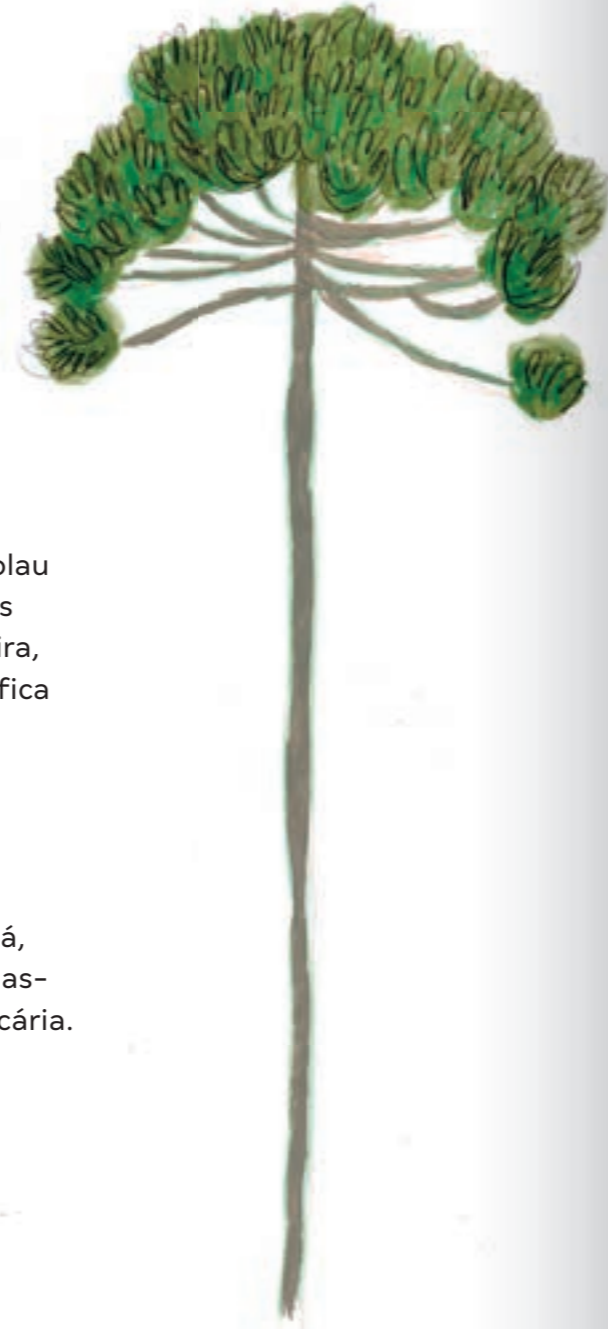
ARQUITETURA POLONESA

O Centro Cultural e Histórico Polska fica numa casa que é um exemplo da arquitetura polonesa em Campo Largo. Toda colorida, ela tem detalhes em lambrequins e flores desenhadas nas paredes, em uma técnica de pintura tradicional.

Outro modelo típico de casas dessa comunidade é a casa de troncos, feita de pinheiro talhado, sem uso de pregos, só com encaixes. Antigamente, havia muitas casas de troncos, mas hoje restaram apenas duas em pé, na Colônia Dom Pedro II. Em sua origem, uma dessas casas remanescentes era a casa-escola, considerada a primeira escola de Campo Largo. Depois, juntou-se à casa vizinha e foram remontadas próximo à sede da paróquia Nossa Senhora da Anunciação, inaugurada em 2000. Hoje, está instalado ali o Museu Etnográfico Polonês, que guarda importantes histórias nos objetos, materiais agrícolas, fotos, livros e quadros: uma aula completa sobre a vida desses imigrantes.



ARAUCÁRIA, NOSSA ÁRVORE SÍMBOLO



Somos das turmas de 5º ano da E. M. do Campo Nicolau Morais de Castro e pesquisamos, com as professoras Cleonice Silva Costa e Regiane Freitas Pereira de Meira, alguns temas importantes para a nossa região, que fica na zona rural. Entre eles as matas de araucárias que marcam a paisagem de Campo Largo.

Essas árvores foram batizadas pelos cientistas com nome e sobrenome – *Araucaria angustifolia* –, mas possuem vários “apelidos”, como pinheiro-do-paraná, curi, pinheiro-brasileiro, pinheiro-caiová, pinheiro-das-missões e pinheiro-são-josé, ou simplesmente araucária.



Meus momentos bons

O inverno está chegando,
É época de catar pinhão,
E a quirera está no fogo fumegando.
Coisa que não tem no Maranhão!

Bom é tomar café com bolinho,
E compartilhar com o vizinho.
Tem gente que usa bastante tempero,
Mas acaba sendo um exagero!

Fazer uma festa e assar uma costela de chão,
Esquentando o frio com um quentão,
Dançar um vanerão,
E tomar um chimarrão.
Bom mesmo comer um virado de feijão
Acompanhado de um café bem quente,
Terminado esse poema com um assado de pinhão,
Para toda nossa gente.

Eliezer de Paula dos Santos





As araucárias são árvores gigantes, podem medir de 20 a 50 metros de altura. A copa fica lá em cima, bem longe do chão, e é formada de ramos que crescem horizontais e fazem um desenho lindo no ar, pois todas as suas pontas se curvam em direção ao céu.

Essa árvore única em sua aparência é uma espécie natural da Mata Atlântica da região Sul e marca a nossa paisagem. Por isso, a araucária foi escolhida como árvore símbolo do Paraná.



As matas

Como são lindas as araucárias
Com suas pinhas e pinhão
Que tem nas festas de São João
E as gralhas que fazem a plantação
Como é bela a natureza
Aqui no interior
As florestas tem o verde exuberante
A nossa vegetação é fascinante

Gabriel Tucolki Gracietti

FLORESTA NACIONAL DO ASSUNGUI

Nossa escola fica perto da Floresta Nacional do Assungui, também conhecida como Flona. Ela possui uma área de 728,78 hectares, abrangendo parte do município de Campo Largo, e seu destaque maior é abrigar a nossa floresta de araucárias.

A Flona é uma unidade de conservação e tem por objetivo proteger a biodiversidade da região, inclusive as nascentes de água, os córregos e os riachos. Em nosso estado, ela é uma das áreas mais preservadas de Mata Atlântica, bioma que abrange quase todo o território brasileiro próximo da costa, além de parte do Paraguai e da Argentina.

A Mata Atlântica é marcada por uma incrível biodiversidade. E, por isso, apesar das araucárias se destacarem nesse patrimônio ambiental de nossa cidade, quem conhecê-lo também vai ver avencas, samambaias, bromélias, musgos e muitas outras espécies que embelezam e dão ainda mais vida para esse lugar.



ESTRADA DO CERNE



A rodovia PR-090 tem 460 km e liga Curitiba à PR-170, em Alvorada do Sul, próximo da divisa com o estado de São Paulo. Ela também é conhecida como Estrada do Cerne ou Engenheiro Angelo Ferrario Lopes.

Quando foi inaugurada, em 1940, a Estrada do Cerne se tornou um importante elo de integração entre o norte e o sul do Paraná. Esse nome vem do rio Cerne, atravessado por uma ponte no km 35, em Bateias.



Durante vinte anos, essa estrada foi o principal corredor de escoamento da produção cafeeira do norte do estado, que a partir de sua construção passou a ser exportada pelo Porto de Paranaguá, em vez do Porto de Santos (SP).

O Paraná tornou-se então o maior exportador de café do Brasil, avançando também em seu processo de industrialização.

As turmas da E. M. do Campo Nicolau Morais de Castro também quiseram saber mais sobre essa estrada que faz parte da nossa história, e os estudantes Adriene e Vitor Gabriel pesquisaram o seguinte:

No início do ano 1960, com a abertura da Rodovia do Café (BR-376), inteiramente asfaltada, os caminhões deixaram de lado a Estrada do Cerne, que começou a perder importância, juntamente com quase toda a região por onde ela passa.

Seguindo pela Estrada do Cerne, passamos por sítios, chácaras e belas fazendas. Podemos ver paisagens lindas e muitas árvores de várias espécies, algumas muito altas e outras de flores bem coloridas. Às vezes até animais selvagens, além de muitos pássaros e borboletas de várias cores e tamanhos, uma mais linda que a outra. Nessa estrada tem uma ponte muito antiga, porém bem conservada. Passa por uma floresta de araucárias, que é a Floresta Nacional do Assungui.

Adriene Aleielly de Oliveira Bento e Vitor Gabriel Souza Ferreira



Poema da Estrada do Cerne

A Estrada do Cerne foi uma novidade
Para toda a comunidade
Para o povo do interior
Com mais facilidade

Compravam e vendiam
De lá traziam muitas variedades
Povo feliz cheio de humildade
Com muita dedicação
Trabalhavam em união

Maria Eduarda Alves Camargo

Nossa localidade tem várias festas tradicionais, e são todas muito bonitas. Na festa de Senhor Bom Jesus, se mantém a tradição de fazer o almoço e partilhar com todos. As crianças se sentam ao redor da mesa, no que se chama Mesada de Anjo, e, após comerem, é realizada uma reza. E tem também a procissão com o santo e uma bandeira, que ao final é hasteada para só ser renovada no ano seguinte.



E, quando acaba essa festa, já estamos pensando na próxima. Há também as festas de Nossa Senhora Aparecida, com sua procissão dos cavalos, a Festa de São José, a de Nossa Senhora da Conceição e muitas outras.

Mistura de cultura e culinária do local

Fazem muitas festas nesta localidade
Cada igreja homenageia um santo
Vem gente até da cidade
Homenagear Aparecida com seu belo manto
Temos crianças e mocidade
Isso tudo é um encanto

Também temos pratos típicos
Salgado e muita bebida
Eu quase não acredito
Que existe tanta comida
Tudo isso não é mito
É saber viver a vida

A cultura e a culinária combinam muito bem
Venham todos apreciar
Podem convidar alguém
Mas não poderão faltar
Porque com certeza muitos virão também
Vamos juntos festejar.

David Gabriel Monteiro, 5º ano
E. M. do Campo Nicolau Morais de Castro





Belezas da minha localidade

Moro em uma localidade chamada Pinheirinho, distrito de São Silvestre, município de Campo Largo. Quero aqui descrever as belezas da minha localidade. Início falando do rio Ribeira que corta a minha localidade. É um rio muito belo, tem muitos peixes e várias pessoas de outras cidades vêm pra cá pescar e conhecer o rio, que também tem cachoeiras, além das matas que margeiam o rio. Próximo da minha casa passa um ribeirão lindo que deságua no rio Ribeira.

O meu bairro é bem arborizado, possui várias espécies de árvores, tem mata fechada preservada há anos, onde podemos encontrar várias espécies de pássaros. Aqui onde eu moro tem até uma gruta de pedra, onde corre um pequeno córrego e é muito linda lá dentro. Aqui é um lugar com muitas belezas, eu gosto muito de morar no interior.

Renan Major de Lara, 5º ano

E. M. do Campo Nicolau Morais de Castro

AS BELEZAS DE BATEIAS

O bairro Bateias tem muitos atrativos que nós, estudantes do 5º ano da Escola Municipal Luiza Gonçalves Monteiro, investigamos para este livro, junto com os professores Edna Terezinha Fontoura, Joseane Aparecida Andrade e Ederton dos Santos Lisboa.

Tem o Morro Três Barras, que chega a 1.100 metros de altitude, onde encontramos pedras usadas pelos povos nômades, que faziam delas facas e lanças de tão cortantes que são. O professor Ederton disse que elas são mais afiadas que um bisturi!

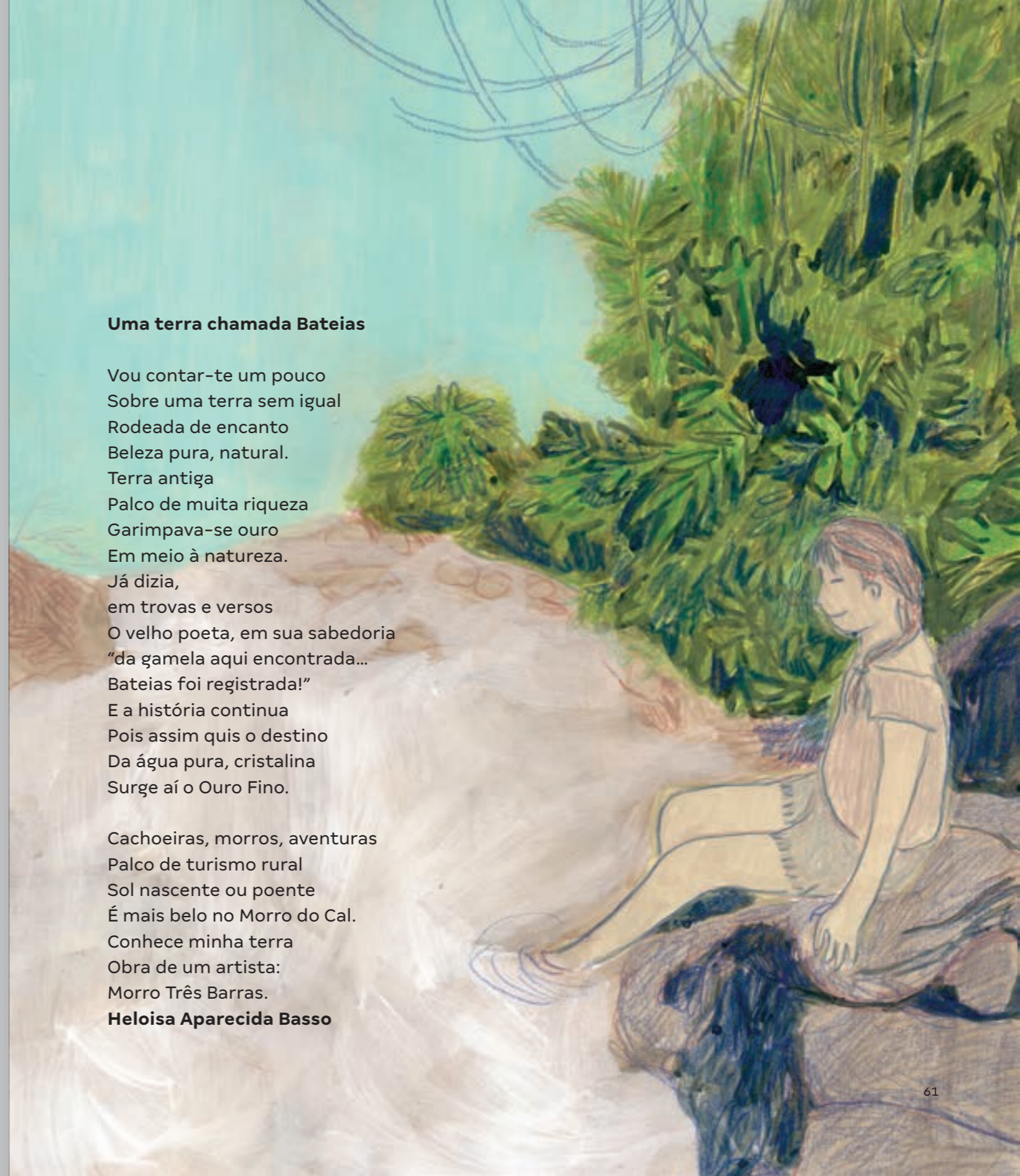
E também tem a cachoeira do Salto da Boa Vista e o Morro do Cal, que são lugares onde a natureza é exuberante, um belo passeio para conhecer nossas riquezas naturais.



Uma terra chamada Bateias

Vou contar-te um pouco
Sobre uma terra sem igual
Rodeada de encanto
Beleza pura, natural.
Terra antiga
Palco de muita riqueza
Garimpava-se ouro
Em meio à natureza.
Já dizia,
em trovas e versos
O velho poeta, em sua sabedoria
“da gamela aqui encontrada...
Bateias foi registrada!”
E a história continua
Pois assim quis o destino
Da água pura, cristalina
Surge aí o Ouro Fino.

Cachoeiras, morros, aventuras
Palco de turismo rural
Sol nascente ou poente
É mais belo no Morro do Cal.
Conhece minha terra
Obra de um artista:
Morro Três Barras.
Heloisa Aparecida Basso



O MORRO DO CAL

O Morro do Cal tem 1.050 metros de altitude, quase o mesmo que seu “irmão” mais alto, o Morro Três Barras, e está a dez quilômetros do centro da cidade. Lá do alto podemos ver a Mata Atlântica no entorno da montanha, onde se encontram muitas árvores, como a araucária, que já foi apresentada.

A Karoline Rombowski Castro mora em Bateias e conhece o lugar mais bonito do seu bairro:

Aqui tem uma trilha mais acessível com 1,3 km de extensão. No início ela é fechada, mas depois vemos o céu aberto. Subimos uma montanha que dá um cansaço, mas a gente se diverte bastante.

Já sua colega de sala Caroline Campos dos Santos faz planos de conhecer o Morro de forma radical. Olha o que ela disse:

Quero pular de parapente, ver a vista que dizem que é uma maravilha e poder enxergar outras cidades vizinhas de Campo Largo. Mas, claro só após o final da pandemia, e de preferência no verão, porque o frio lá em cima deve ser muito forte, ainda mais no inverno.





A ESTÂNCIA HIDROMINERAL OURO FINO

Um lugar com muita água na nossa cidade um dia virou a Estância Hidromineral Ouro Fino, criada pela família Mocelin há mais de 100 anos. Além de ser um belo lugar para visitar com a família, ela é cercada pela mata com belas trilhas e lindas paisagens, e tem um espaço com animais como araras, macacos e tanques de peixes. E a Estância ainda gera muitos empregos na nossa cidade, principalmente na região de Bateias. Isso é o que Eduarda Schultz Campos investigou sobre o lugar. E vejam o poema lindo do Kaio:

Águas de Bateias
Ouro Fino tem pinheiros
Que é o símbolo do Paraná
Nesta época do ano
Seu gramado fica repleto
Do meu fruto predileto
Que cozido ou assado
Com o frio vai muito bem
E sair para juntá-lo
É divertido também.
Sem falar de suas belezas
Suas matas, suas águas
Suas trilhas e mirante
Todos que ali visitam
Saem mais radiantes
Kaio Rodrigo de Paula Lourenço



OURO VERDE E A LAGOA GRANDE

No meu bairro mora o Joaquim
Que adora brincar de manequim
Na rua das andorinhas
Gosto de ver as estrelinhas
Na rua da Portella
Adoro comer mortadela
E quando vou na rua Curió
Eu jogo dominó
Luan Felipe Chervinski

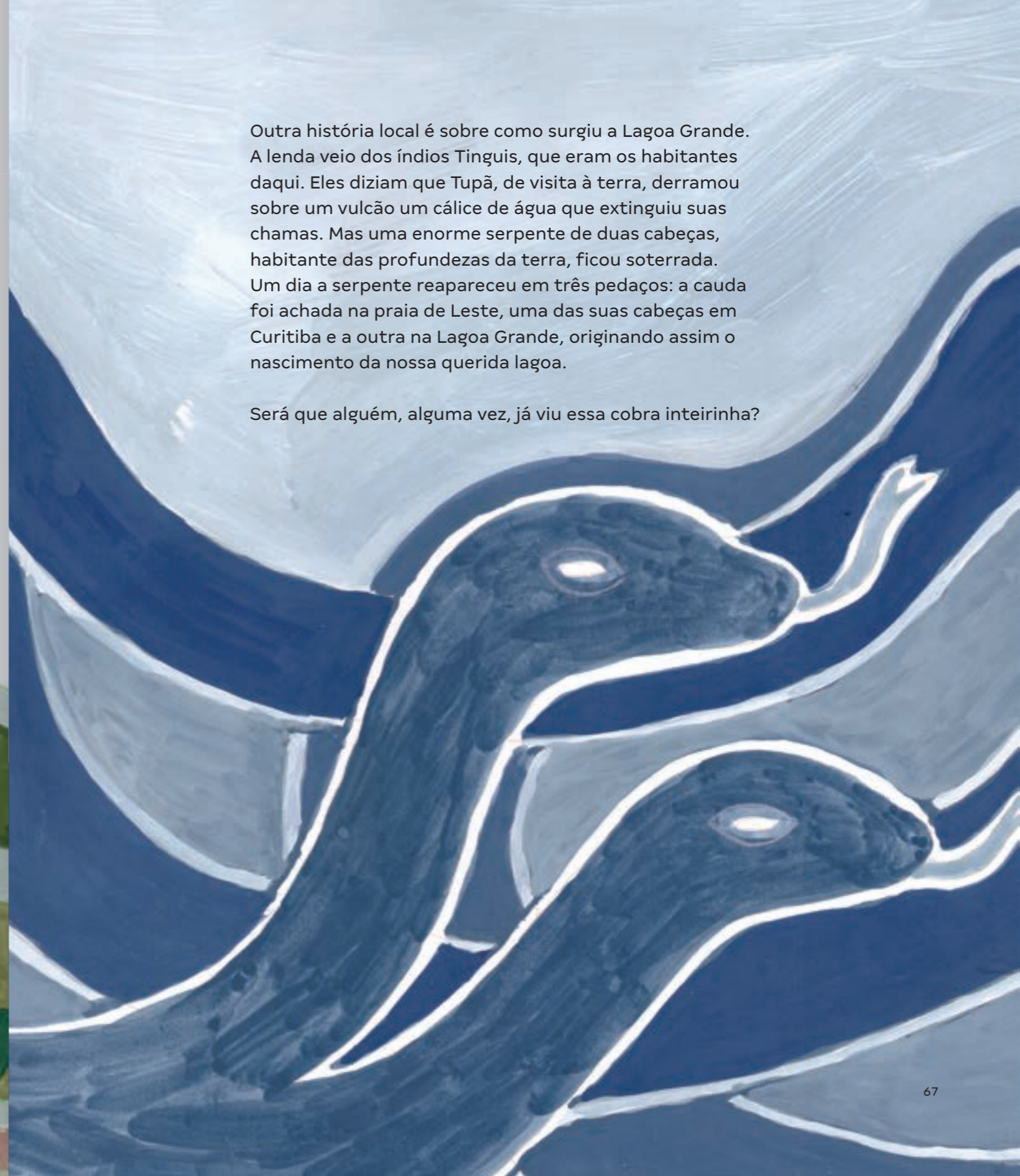
A professora Ivanilda do Rosário de França Sgarbi, do 5º ano da E. M. Madalena Portella, trabalhou coletivamente e de maneira bem engraçada os lugares e as ruas do nosso bairro, e surgiram muitos poemas como esse do Luan.

Aqui no Ouro Verde tem também a Lagoa Grande, um lugar onde gostamos de comer churros, tomar caldo de cana, andar de bicicleta, olhar os patinhos e saber de seus mistérios.



Outra história local é sobre como surgiu a Lagoa Grande. A lenda veio dos índios Tinguis, que eram os habitantes daqui. Eles diziam que Tupã, de visita à terra, derramou sobre um vulcão um cálice de água que extinguiu suas chamas. Mas uma enorme serpente de duas cabeças, habitante das profundezas da terra, ficou soterrada. Um dia a serpente reapareceu em três pedaços: a cauda foi achada na praia de Leste, uma das suas cabeças em Curitiba e a outra na Lagoa Grande, originando assim o nascimento da nossa querida lagoa.

Será que alguém, alguma vez, já viu essa cobra inteirinha?



PARQUE NEWTON PUPPI

Somos os estudantes das turmas de 5^{os} anos A e B da E. M. O Ateneu, e o primeiro passo em direção à investigação sobre o Parque Newton Puppi foi dado pela diretora Ana Paula Bonato e pela nossa professora Ana Paula Schules.

Elas conheceram o sr. Milton Casemiro Mugnoski, coordenador do Acervo Histórico Municipal de Campo Largo, que mostrou o jornal Folha de Campo Largo, de 1969, para elas. Nele, muitas informações sobre o parque, que também é conhecido como Parque Cambuí, foram coletadas:

"Localizado em local alto, distante da entrada, construído com dois pavimentos, todo de alvenaria, de um dos pontos do segundo pavimento, avista-se uma paisagem maravilhosa: as plantações com árvores frutíferas e pinheiros, casas de estilo colonial, do patrimônio da Estação, as torres altaneiras e majestosas da Igreja de Nossa Senhora da Piedade.

No Casarão, as salas são amplas e bem mobiliadas e formam biblioteca, sala para reuniões, secretaria, arquivo, gabinetes, dois laboratórios... tudo muito bem pintado e decorado com quadros e fotos alusivos ao ramo da viticultura e fruticultura".

O Parque Newton Puppi possuía vinte hectares de área cultivada com videiras e árvores frutíferas de clima temperado, como macieiras, pessegueiros, castanheiras. Além do edifício sede (casarão), havia casas residenciais (morada dos funcionários), galpões, estábulo, usina, cantina, garagem, oficinas. Nesse período, eram cultivadas cerca de 9 mil videiras com 385 qualidades diferentes em seu terreno.

Nos 19,36 hectares de área, havia muita natureza e três construções coloniais de estuque e tijolos que eram moradias dos antigos proprietários, conservadas na época como patrimônio histórico. Numa dessas casas, instalou-se a Escola Primária Estadual para os filhos dos servidores.

Depois dessa investigação toda, fizemos vários poemas junto com as nossas professoras. Eles são um convite para um passeio por lá!



O Parque Cambuí é muito bonito
É o meu favorito
As cores pintadas pelo professor Toto
São vibrantes e lá também tem gafanhoto.
Cada cor tem um significado muito delicado

Também tem o Casarão, todo reformado
e bem grandão
No parque tem tanta diversão
Que a gente fica cheio de animação
Gosto muito de andar de bicicleta
É minha diversão predileta.
Pedro Henrique Alcântara

Dia de sol o parque fica cheio
Muitas pessoas curtindo esse passeio
Não há quem resista e rola até piquenique no chão
Lá do céu surge um balão

Jogo futebol, corro pra lá e pra cá
Gosto também de pedalar
Minha avó vem me acompanhar para caminhar

Ah, para quem gosta de fotografar
tem uma paisagem linda
Um lago e um pôr do Sol difícil até de acreditar
Uma bela lembrança para guardar e recordar.

Caio Felipe Demko

TOTO LOPES

Toto Lopes é um artista daqui da nossa cidade, e nós do 5º ano da E. M. O Ateneu fizemos uma entrevista on-line com ele para saber sobre a sua vida, o que ele criou e o que gosta de inventar como artista.

Toto disse que participou da sua primeira oficina de artes plásticas aos doze anos e, a partir daí, seu interesse pela arte só foi aumentando. Ele faz parte de vários projetos artísticos e sociais com as crianças da cidade, onde ensina de forma lúdica tudo o que aprendeu. Em suas aulas, Toto aproveita vestígios da natureza, e as crianças fazem pincéis com gravetos ou galhinhos e palha.



Ele também pintou um painel em homenagem aos 10.500 atletas de 206 países que passaram pelo Brasil durante a Olimpíada de 2016. São 431 metros quadrados de muitas cores e imagens que fazem referências aos esportes olímpicos.

E a última coisa que ele nos contou foi sobre um trabalho feito no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), de Campo Largo, onde ensinou as crianças a fazerem pinturas em tábuas de skates. Os trabalhos ficaram tão bonitos que foram expostos numa mostra no Museu Histórico de Campo Largo.



NO REINO DA LOUCINHA, NOVOS PRÉDIOS

Nossa escola, Reino da Loucinha, completou cinquenta anos em 2020 e também já é um patrimônio da cidade. Nela as professoras são as “rainhas”, e nós, estudantes, somos conhecidos como “as abelhinhas”. E foram nossas “rainhas” do 5º ano, Juliana Borges de Sampaio, Caroline Ribeiro, Tânia Mara de Maman Fedalto e Roze Krzyzanovski, quem nos contou a história da escola.

A princípio, ela era conhecida com Jardim de Infância Reino da Loucinha. Em 1984, passou a oferecer também a pré-escola e então passou a ser chamada Pré-escola Municipal Reino da Loucinha. Em 1999, com a implantação do ensino fundamental, passou a ser chamada de Escola Municipal Reino da Loucinha.

No ano de 2001, o então prefeito Affonso P. Guimarães comprou parte do espaço da Incepa com o objetivo de suprir a demanda da Prefeitura por novas instalações, cedendo assim, a partir de 2002, o espaço do antigo prédio da prefeitura na avenida Centenário para a Escola Municipal Reino da Loucinha.



Abelhinhas

Minha escola é o Reino
da Loucinha
Conhecida como a escola
das abelhinhas.

Esta escola é fundamental
Para concretizar os sonhos
das criancinhas

Nela nós aprendemos,
brincamos e sonhamos.
Junto com nossos professores
Que com muita dedicação,
seguem nos educando.

Marcelo Rigo Felipe

Uma escola diferente
Cheia de amor e carinho
Para você seguir em frente
O seu longo caminho.

Essa escola é muito bonita
E também muito organizada
Recebe muitas visitas
Para a alegria da criançada.

Luan Bianco de Paula

O CAMPO DO INTERNACIONAL ESPORTE CLUBE DE CAMPO LARGO



O primeiro campo de futebol da nossa cidade era onde hoje é a nossa Escola Reino da Loucinha. O Internacional Esporte Clube de Campo Largo foi fundado em 30 de maio de 1945, primeiro com o nome José Pedro Caropreso, e depois homenageando o senhor Atílio Gionedis, que ajudou muito o clube.

Wilma de Miranda Rivabem, moradora da cidade, ajudava na lavagem dos uniformes dos jogadores. Conta que as camisas do alvinegro Tigrão eram enfileiradas no varal perto da cerca branca que rodeava o campo.

E essa cerca com suas tábuas altas pontiagudas tinha alguns furos feitos para que os moradores assistissem aos jogos.



HOMENAGEM A MARCELO PUPPI

Ele seguiu os passos do pai, que foi prefeito de Campo Largo várias vezes. Era apaixonado pela educação, pois via no futuro das crianças a esperança de um mundo melhor. Incentivando-as, desde pequenas, tinha certeza de que se tornariam adultos felizes e realizados.

Por duas vezes, ele foi eleito prefeito de Campo Largo. Sonhava ver todas as crianças da cidade nas escolas, com uniforme e material completo, não gerando desigualdade entre os estudantes. E conseguiu!

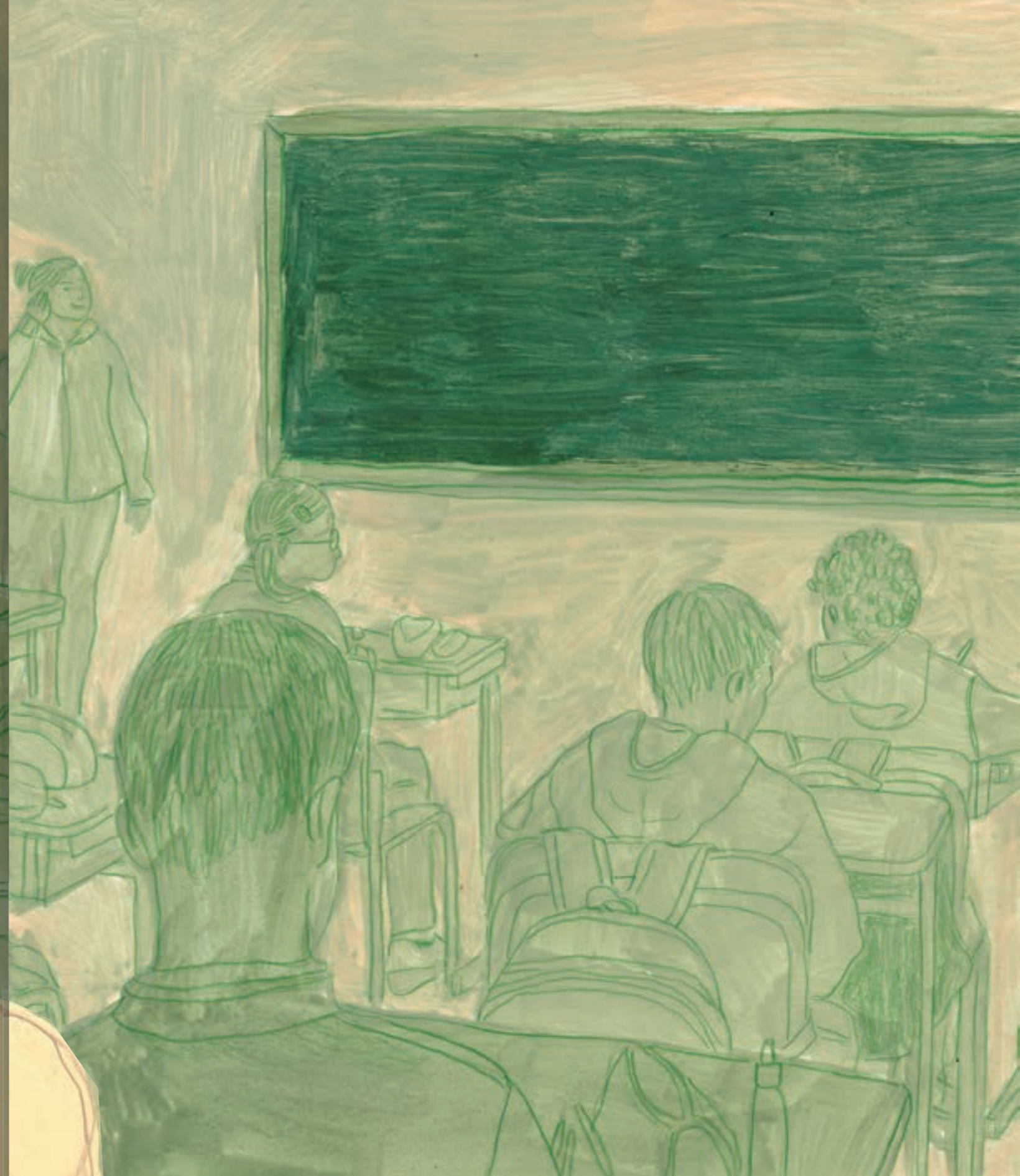
Infelizmente, Marcelo Puppi foi uma das vítimas da Covid-19, e faleceu no começo de 2021 no auge de sua capacidade de realização.

Dedicação total
Para a sua cidade natal,
Uniforme e material
Um kit bem especial!

Em seu olhar via a felicidade,
No despertar da vontade de estudar,
De aprender e crescer,
Para ver a cidade se desenvolver.

Muitas coisas fez pela educação,
Pois dava a devida atenção,
Orgulho de ser prefeito,
Competência do seu trabalho bem feito!

**Produção coletiva do 5º ano da E.M.
Sete de Setembro**



Edição: Otavio Nazareth

Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria

Projeto gráfico: Daniel Brito

Assistente de design: Geovana Martinez

Ilustrações: Helena Küller

Revisão: Maria Fernanda Alvares

Produção editorial: Paloma Comparato

Agradecemos a fundamental participação das escolas: Escola Municipal Diva Ferreira Reinke, Escola Municipal do Campo Nicolau Moraes de Castro, Escola Municipal Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Escola Municipal Luiza Gonçalves Monteiro, Escola Municipal Madalena Portella, Escola Municipal O Ateneu, Escola Municipal Padre Natal Pigatto, Escola Municipal Reino da Loucinha, Escola Municipal Sete de Setembro, Escola Municipal Solidariedade.

SME

Diretora de departamento pedagógico: Adriane Carneiro Ferreira

Coordenadora de Língua Portuguesa 4º e 5º anos: Ariane Valente Rogiski

Coordenadora de História: Luciane Soares dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

S237c

Santos, José.

Campo Largo : a cidade da gente / organização José Santos e Selma Maria ; ilustrações Helena Küller — São Paulo : Olhares, 2021.

80 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-28-7

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural 4. Campo Largo (PR). 5. Cidades. 6. Natureza. 7. Costumes. I. Maria, Selma. II. Küller, Helena. III. Título.

CDD 028.5

CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso Baralle — CRB-8/10366

realização



patrocínio



gestão cultural



parcerias



Material elaborado com recursos de reinvestimentos do Programa Paraná Competitivo, da Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná.

© 2021 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica MaisType sobre papel offset 120g em junho 2021.



Era uma vez Campo Largo.
Um dia as crianças que
moravam lá perceberam
que a história da cidade
era a sua própria história...
A cerâmica, os imigrantes
italianos e poloneses, a
floresta de araucárias e
outros patrimônios materiais,
imateriais e ambientais fazem
parte dessa história, contada
pelos estudantes das escolas
municipais da cidade.



realização



patrocínio



gestão cultural



parcerias



ISBN 978-65-86260-26-7

